

## **CRENÇAS E EXPRESSÕES METAFÓRICAS NOS DISCURSOS E PRÁTICAS AVALIATIVAS DE ALUNOS E PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA**

Deborah Regina Jotta Mendes dos Santos

Mestrado/UFF

Orientador: Ricardo Luiz Teixeira de Almeida

### **Introdução**

O ensino de inglês como língua estrangeira tem recebido atenção especial nas escolas públicas regulares do Estado do Rio de Janeiro, por conta de sua força global e dos eventos internacionais que a capital vem recepcionando nos últimos anos. Nas escolas municipais do Rio de Janeiro, a disciplina de língua inglesa como língua estrangeira que até 2009 era lecionada apenas no segundo segmento do ensino fundamental, agora faz parte também do primário. O município também tem oferecido à comunidade carioca algumas escolas que dividem o seu currículo escolar em aulas ministradas em inglês e português com o intuito de oferecer a esses alunos a capacidade de comunicação oral, projeto Rio Criança Global. E aos professores de língua inglesa dessa mesma rede municipal, treinamentos semestrais com estratégias para o seu ensino.

Contudo, mesmo com todo esse incentivo e esforço por parte das políticas educacionais do município do RJ para que os alunos ampliem seus conhecimentos sobre a língua inglesa, os resultados de um maior alcance deste ensino ainda não surgiram como destaque positivo. Como professora da rede municipal do Rio de Janeiro, percebo (durante as aulas, intervalos, conversas nos treinamentos oferecidos pela prefeitura do RJ) que tanto a fala dos professores de línguas quanto a fala dos alunos continuam as mesmas, como por exemplo: “meus alunos não sabem a língua materna, como aprenderão uma língua estrangeira? ”, “não temos material adequado, “os alunos estão desmotivados”, etc.; “eu não usarei isso fora daqui”, “vale ponto? ”, “eu não falo português, como vou falar em inglês?”, etc.

---

Observando a persistência dessas crenças inseridas nos discursos dos professores de inglês e dos alunos em relação ao ensino de inglês como LE, seja na sala de aula seja na sala dos professores, percebe-se a importância de se continuar refletindo e discutindo sobre o ensino da língua inglesa como L2 nas escolas regulares e as crenças dos alunos em relação a esta língua no âmbito escolar e social.

Este trabalho tem como objetivo primário investigar as crenças e expressões linguísticas metafóricas inseridas nos discursos e nas práticas avaliativas dos alunos e professores de inglês, ambos da rede municipal do Rio de Janeiro atuantes no sexto ano do ensino fundamental. E tem como objetivos secundários analisar as crenças convergentes e divergentes desses alunos e professores participantes da pesquisa sobre como conceituam o termo avaliação e suas práticas aplicadas em sala de aula; e analisar como essas crenças interferem positiva ou negativamente tanto na prática pedagógica dos professores de inglês quanto no processo de ensino-aprendizagem do aluno.

### **Crenças nos discursos de alunos e professores de inglês**

De acordo com as orientações curriculares de 2010 da Secretaria Municipal de Educação (SME) da cidade do Rio de Janeiro, as habilidades privilegiadas no ensino da língua inglesa são a leitura e a fala pela oportunidade que ambos têm de proporcionar novos conhecimentos e discursos globais. Estas orientações curriculares da SME apresentam um quadro para cada série sugerindo conteúdos e habilidades a serem trabalhados durante o ano letivo.

O ensino de inglês nas escolas regulares como língua estrangeira (LE) no Brasil pode permitir ao aluno um conhecimento amplo sobre as diferentes culturas e realidades pelo mundo afora e uma reflexão sobre essas e suas realidades. Nestas orientações curriculares, utiliza-se uma metáfora para ressaltar a importância de considerar os fatores externos, “diferentes viagens, mesmo que para o mesmo destino, irão requerer um caminho próprio, levando em consideração os viajantes, o veículo e as condições externas” (OC, 2010, p.1).

É importante que haja uma conexão entre o sistema linguístico a ser trabalhado em sala de aula e o conhecimento prévio e interesses do aluno. Mas, observa-se nas escolas públicas regulares que a maioria dos alunos ainda não entendeu o porquê do ensino da língua inglesa nas suas escolas e acredita que o único objetivo da aula é

---

alcançar uma nota que seja suficiente para direcioná-lo à série seguinte e que seu aprendizado não terá relevância alguma em situações reais, fora dos muros da escola.

Alguns professores ainda tem a crença do melhor método, desconsiderando por vezes que o método pode ser alternado de acordo com a realidade de cada turma; a crença de que os alunos devem se ajustar àquilo que eles pretendem ensinar e não o contrário. A crença de que os alunos deveriam concluir o ensino fundamental sendo proficientes da língua, se atendo apenas nas habilidades linguísticas, podendo, ao contrário, somar a essa prática “o desenvolvimento do senso de quem somos nesse mundo diverso, legitimar o que eles já sabem em inglês, cantar em inglês espontaneamente” (ASSIS-PETERSON, 2003). A crença de que o professor é o centro das escolhas do que deve ser trabalhado em sala ou não, excluindo do aluno a possibilidade de decidir o que é mais relevante nesse ensino para ele. A crença de que a avaliação somativa é, senão a única, a melhor forma de avaliar os alunos, não permitindo que o aluno demonstre sua compreensão sobre o tema trabalhado em sala de aula em outras formas avaliativas, pois os alunos podem ser visuais, auditivos, sinestésicos ou de escrita e leitura.

Para melhor entender as problemáticas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa e seus resultados nas escolas, “é necessário continuar investigando quais crenças tanto professores quanto alunos têm acerca dessa disciplina e como essas crenças interagem durante esse processo de ensino-aprendizagem, pois ainda que não sejam suficientes para explicar as práticas em sua totalidade, as crenças (especialmente as tácitas) parecem ter influência sobre a ação docente” (ALMEIDA, 2014, p.107). Neste trabalho, entende-se crença como define Barcelos:

uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais) dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2006, p.18)

Há, portanto, diversas crenças inseridas nos discursos de alunos e professores e tais crenças podem motivar os alunos positiva ou negativamente durante seu processo de ensino-aprendizagem, por exemplo, quando as atividades estão ou não ligadas às crenças deles, despertam ou apagam a curiosidade sobre o ensino da língua. As crenças

---

dos professores também podem ter um papel fundamental na formação de crenças dos alunos sobre o papel da linguagem, a construção do que é fácil ou difícil, a possibilidade de se comunicar com algum turista, ajudar na obtenção de um emprego, etc.

### **Expressões metafóricas nos discursos de alunos e professores de inglês**

A metáfora, para a maioria das pessoas, é um recurso linguístico e ornamento retórico. Na teoria da metáfora conceptual, corrente teórica desta pesquisa, proposta por Lakoff e Johnson em 1980, a metáfora é “concebida como um mecanismo cognitivo geral que opera em nível linguístico” (FERRARI, 2009, p.20), ou seja, a metáfora “está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação [...] o sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.45). Sendo assim, esta teoria “estabelece uma relação direta entre pensamento, linguagem e realidade” (VEREZA, 2012p.53).

Já que as metáforas conceptuais estão infiltradas na vida cotidiana, elas se revelam como uma ótima ferramenta para se ter acesso às crenças, ideologias e expressões linguísticas metafóricas.

A expressão metafórica “Isso é perda de tempo”, usada em tantos contextos, inclusive no contexto escolar, corresponde a metáfora conceptual ocidental TEMPO É DINHEIRO, pois conceptualizamos tempo através de nossas experiências com dinheiro. Na nossa cultura, o tempo é avaliado como um bem valioso, portanto há muitas outras frases sobre tempo construídas pelos falantes ocidentais com verbos que intensificam esta ideia, como ‘não desperdice seu tempo com ele’, ‘seu tempo precisa ser melhor investido’, ‘poupe tempo, vá de uber’, etc. Sob uma perspectiva escolar, esta expressão pode ser remetida a uma determinada prática pedagógica ou conteúdo escolar e enfatizar o pensamento do professor e/ou do aluno em acreditar que não vale a pena gastar seu tempo com algo que julgue difícil, inovador ou irrelevante para se trabalhar em sala de aula.

Outras metáforas conceptuais, como A VIDA É UMA VIAGEM, DISCUSSÃO É GUERRA, e A VIDA É UM JOGO, são “maneiras convencionais de conceitualizar um domínio em termos de outro” (SARDINHA, 2007).

---

As expressões linguísticas negativas a respeito do ensino de inglês podem estar enraizadas nas crenças dos professores e alunos e, por isso, cria ou mantém barreiras para a obtenção de melhores resultados. É preciso, portanto, reconhecer a importância da metáfora no pensamento humano, especialmente no que diz respeito à formação, manutenção ou alteração de crenças e valores (ALMEIDA, 2009, P.66), e refletir sobre o papel que exerce nas práticas pedagógicas.

### **Coleta e análise de dados**

Esta pesquisa enquadra-se dentro de uma perspectiva qualitativa e toma como base a abordagem contextual, onde “as crenças são inferidas dentro do contexto de atuação do participante investigado” (BARCELOS, 2006, p.220), utilizando-se da teoria da metáfora conceitual.

Os instrumentos de pesquisa utilizados são, a princípio, entrevistas para os professores e desenhos para os alunos. Para tal, serão selecionados professores e alunos que atuam no sexto ano, e façam parte da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro.

A coleta de dados ainda não foi iniciada, pois está sendo aguardada a aprovação do Comitê de Ética.

A escolha por professores e alunos da rede municipal do Rio de Janeiro se deu por motivos pessoais e profissionais. Sou professora da rede municipal carioca e conheço o material didático indicado pela prefeitura e utilizado em sala de aula. Acredito que a discussão levantada nesta pesquisa pode contribuir para uma melhor compreensão a respeito da interação de crenças entre professores e alunos em relação à língua inglesa. Esta pesquisa também tenta mostrar a relevância de considerar as crenças e os interesses de todos os envolvidos em sala de aula, incluindo a realidade local de ensino, no processo de construção das aulas.

### **Considerações finais**

Segundo Kumaravadivelu (2006, p. 181), o professor de línguas não pode manter esperanças de se satisfazer em suas obrigações pedagógicas, sem ao mesmo tempo, satisfazer suas obrigações sociais. Sendo assim, deve haver uma reflexão do professor quanto a relevância das práticas adotadas em sala de aula, ou seja, se as

---

práticas estão de acordo com as crenças e necessidades dos alunos sob os pontos de vista social, cultural e educacional, e a importância da participação efetiva do aluno em sala de aula e na construção do seu processo de aprendizagem.

O estudo de crenças e expressões metafóricas presentes nos discursos e práticas pedagógicas dos professores e alunos tem contribuído para melhor entender a relação professor- aluno e suas ideias e ações sobre o que e como lecionar e aprender algum conteúdo.

“É a partir do conhecimento das necessidades locais que podemos evidenciar a necessidade de políticas eficazes para o ensino de línguas estrangeiras assim como sua relevância para a cidadania” (Pereira, 2009, p.110).

## Referências

ALMEIDA, R. L. T. *Metáfora conceptual e conhecimento nos discursos e práticas de professores do ensino fundamental*. 2009, 187 folhas, Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em estudos de linguagem, UFF, Niterói, RJ.

\_\_\_\_\_. *The teaching of english as a foreign language in the context of Brazilian regular schools: a retrospective and prospective view of policies in practices*. In: Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v.12, n.2, 2012.

\_\_\_\_\_. *Entre o instrutor de línguas e o educador linguístico: perfis de licenciandos na formação inicial do professor de inglês*. Ecos de linguagem. V3, 2014, p. 101-123.

ASSIS-PETERSON, A. A., *Interview with Pedro Garcez*. APLIMT Newsletter (Associação dos professores de língua inglesa do estado de Mato Grosso), V7,2003, p.3-5.

BARCELOS, Ana M. F. e ABRAHÃO, Maria H. V. (Orgs.) *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

FERRARI, L. (Orgs) *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009, p.13-26.

KUMARAVADIVELU, B. *Understanding language teaching: from method to postmethod*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006, p.161-184.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de Tradução: Maria Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado de Letras, 2002, p.45-57.

---

PEREIRA, T. *Representação e aprendizagem de uma língua estrangeira: status da língua francesa em contexto urbano e de fronteira*. Synergies Brésil n° 7 - 2009 p. 101-111.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SECRETARIA Municipal de Educação. *Orientações Curriculares: Áreas Específicas/Inglês*. Rio de Janeiro, 2010.

VEREZA, S. (Orgs.) *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2012.